



PIONEIRAS DO CINEMA PORTUGUÊS

PIONEIRAS DO CINEMA PORTUGUÊS

Ao longo das primeiras oito décadas da história do cinema feito em Portugal, apenas uma mulher realizou uma longa-metragem de ficção que tenha estreado comercialmente e cuja realização lhe tenha sido devidamente atribuída. Foi Bárbara Virgínia, que tinha apenas 22 anos. As razões dessa realização precoce prendem-se com uma série de acasos que fizeram desaguar nas mãos da atriz protagonista o cargo de direção. Ou seja, só mesmo por acaso foi possível que uma mulher, em pleno Estado Novo, tenha tido a oportunidade de assumir tal função. Passariam quatro décadas até que outra mulher voltasse a assinar uma longa-metragem no nosso país – essa mulher seria Margarida Cordeiro e esse filme, TRÁS-OS-MONTES, corealizado com António Reis.

Se tudo isto é verdade, é também insuficiente. Ao longo dos anos a história (das histórias) do cinema português focou-se excessivamente nas longas-metragens de ficção e na figura do realizador/a. O presente Ciclo tem como propósito pôr em causa essa narrativa que reduz a participação das mulheres que construíram o cinema português anterior à geração do Cinema Novo como uma nota de rodapé com um ou dois nomes apenas. *Pioneiras do Cinema Português* apresenta dezoito sessões dedicadas às dezenas de mulheres que, desde o cinema mudo até ao dealbar do Novo Cinema, fizeram filmes em Portugal (em várias categorias técnicas e artísticas).

Mas antes, há que esclarecer três aspetos.

Primeiro, o que se entende por “pioneiras”. Neste Ciclo estabelecemos como intervalo temporal o cinema produzido entre o início do cinema em Portugal (1896) e o momento de renovação imposto pela geração do Cinema Novo, simbolizado pela estreia de OS VERDES ANOS, de Paulo Rocha, em 1963. A geração do Cinema Novo pautou-se por ser a primeira com formação académica, isto é, a primeira que antes de iniciar a sua prática cinematográfica participou (em diferentes contextos) do ensino formal do cinema. Quer tenha sido por via de bolsas de estudo no estrangeiro, por via de cursos técnicos em Portugal ou, ainda, em consequência da abertura da Escola Piloto de Cinema, no Conservatório Nacional, esta é uma geração cuja entrada na profissão já não pode ser entendida enquanto “pioneira”. Essa nova geração incluirá uma série de mulheres: Teresa Olga, Margareta Mangs, Clara d’Ovar, Noémia Delgado, Solveig Nordlund, Ana Hatherly, Paola Porru, Monique Rutler, Margarida Gil e a já referida Margarida Cordeiro – entre muitas outras. Muito embora o Ciclo se abra a outras formas de participação artística no cinema (com especial destaque para a produção, a montagem e a escrita de argumentos), excluiu-se deste programa as categorias profissionais a que as mulheres foram resumidas ao longo das décadas: a atriz e a cantora.

Segundo, o que se entende por “cinema”. Como referido, este Ciclo inclui uma série doutras formas de trabalhar as imagens em movimento que não a longa-metragem de ficção. Por um lado, dá lugar a diferentes tipologias documentais, por outro, inclui materiais inacabados, fragmentários ou de pré-produção que – com os anos – se converteram, eles mesmos, em documentos. Mostram-se, assim, filmes turísticos, documentários institucionais, encomendas e filmes científicos (com dois casos emblemáticos: os filmes etnográficos de Margot Dias e os filmes geográficos de Raquel Soeiro de Brito). Se muitos destes tiveram circulação em sala de cinema, no caso dos filmes científicos, estamos perante ferramentas de estudo que serviam como anotação para as investigadoras e que tinham visibilidade apenas em sala de aula. Além desses, o Ciclo abre-se também às práticas amadoras, especialmente quando estas revelam uma persistência histórica e um olhar agudo sobre o mundo (são os casos de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa, Vera Wang Franco Nogueira e Edila Gaitonde). Apresentam-se ainda, pela primeira vez, os materiais em torno da produção cinematográfica de Amélia Borges Rodrigues, de que subsiste apenas um título finalizado (conservam-se dezenas de materiais em bruto ou sem montagem definitiva) – se bem que se saiba que muitos desses filmes foram efetivamente concluídos. “Cinema” é, então, entendido em sentido lato, isto é, como imagens em movimento (muitas das vezes sem som).

Terceiro, o que se entende por “português”. Coincidindo o intervalo histórico em análise com o período da ação colonial do Estado Novo, o entendimento das fronteiras do país corresponde à limitação geográfica da época. Além disso, entende-se como “cinema português” aquele que ou é feito em Portugal, ou é realizado por cineastas portuguesas. Assim, incluíram-se os filmes de uma cientista de origem alemã a filmar em Moçambique (Margot Dias), como se incluíram os filmes de uma mulher açoriana a filmar em Goa após a libertação deste território do jugo colonial português (Edila Gaitonde). Excluíram-se, no entanto, os filmes da atriz, realizadora e produtora Carmen Santos que apesar de ter nascido em Portugal (Vila Flor, Bragança), emigrou para o Brasil aos oito anos, tendo feito toda a sua carreira como artista brasileira – a Cinemateca Portuguesa dedicou-lhe um ciclo de homenagem em 1991.

Pioneiras do Cinema Português pretende, antes de mais, sinalizar um conjunto de nomes e obras sobre os quais há ainda muito que estudar. É, por isso, um Ciclo que tem como propósito apresentar um conjunto de cineastas cujos materiais fílmicos eram pouco conhecidos, ora pelas suas características materiais (cópias únicas, frágeis, em mau estado de conservação) ora pelas suas características de produção (evidente no que respeita a projetos inacabados ou ao cinema doméstico que, por definição, não é visível além do seio familiar). Daí que tenha havido um esforço concertado para encontrar formas de apresentar estes filmes – alguns deles pela primeira vez – na Cinemateca: fizeram-se novas preservações e duplicações de materiais analógicos, fizeram-nos novas digitalizações e restauros digitais, possibilitando que certas cópias cujas condições de preservação impossibilitariam a sua apresentação pública (por degradação ou pelas características do suporte), sejam agora visíveis. A isto juntou-se um trabalho de cotejamento destes arquivos fílmicos com os acervos documentais que permitiram uma melhor compreensão e contextualização das obras (como é o caso de TRÊS DIAS SEM DEUS que apesar de ter perdido o som poderá agora ser visto com legendas produzidas a partir da planificação anotada guardada no Centro de Documentação da Cinemateca). *Pioneiras do Cinema Português* é, por isto, um convite à descoberta e à investigação, numa área em que as dúvidas são ainda muitas.

A juntar a isso, o Ciclo integra igualmente os filmes de realizadores e realizadoras contemporâneos que se debruçaram sobre a vida e a obra de algumas destas mulheres. São, invariavelmente, documentários em forma de retrato. E, nos casos em que esses documentários não estão ainda prontos (ou estão ainda em fase de projeto), aproveitam-se estas sessões públicas para os anunciar e visibilizar. De facto, este é um programa que procura estabelecer um olhar presente sobre o passado, ora desafiando músicos contemporâneos para reinterpretarem estas imagens sem som, ora optando pela via das sessões-comentadas, nos casos em que o estatuo fílmico dos objetos assim o convida. O Ciclo concluir-se-á com o lançamento do DVD de TRÊS DIAS SEM DEUS e dará origem a uma nova publicação da Cinemateca Portuguesa a apresentar nos próximos meses.

Programa sujeito a alterações

Preço dos bilhetes - 3,20 €

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas

> 65 anos - 2,15 €

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 €

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Salas de cinema

Abertura de portas das salas: 15 min. antes do início da sessão.

Recomendamos a chegada com cerca de 15 min. de antecedência.

Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Bilheteira Local (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30 -22h | Sábados 14h-21h30

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

CASCAES

de Amélia Borges Rodrigues
Portugal, 1937 – 7 min

TRÊS DIAS SEM DEUS – trailer

de Bárbara Virgínia
Portugal, Brasil, 1949 – 4 min

UMA CAIXINHA DE SURPRESAS

de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa
Portugal, 1951 – 12 min / sem som

RITOS DE PUBERDADE DAS RAPARIGAS

de Margot Dias
Portugal, 1958 – 7 min

ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS, ILHA DO FAIAL – AÇORES (extras)

de Raquel Soeiro de Brito
Portugal, 1958 – 14 min / sem som

CINZELAGEM

de Maria Luísa Bivar
Portugal, 1963 – 9 min

[FILME 6]

de Vera Wang Franco Nogueira
Portugal, 1969 – 5 min / sem som

Duração total da projeção: 58 min | M/12

Na primeira sessão do Ciclo “Pioneiras do Cinema Português” apresentam-se sete filmes de sete dessas mulheres que, entre as décadas de 1930 e 60, ousaram fazer filmes. A sessão pauta-se pela sua diversidade: um filme de contornos turísticos por parte de Amélia Borges Rodrigues (com a aparição do presidente Óscar Carmona); o único material sonoro referente ao filme de Bárbara Virgínia, a atriz de 22 anos que realizou uma longa-metragem de ficção em 1946; um filme amador de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa que, desde 1931, fazia filmes de ficção com os vários membros da família (e rodou uma longa-metragem em 1945!); dois filmes de natureza científica, um feito em Moçambique pela etnóloga Margot Dias com o povo maconde, outro filmado pela geógrafa Raquel Soeiro de Brito em 1958, aquando da erupção do Vulcão dos Capelinhos; a terminar (e já na década de 1960), um dos episódios da série “Artistas e Artesãos” que Maria Luísa Bivar dirigiu para a Junta de Acção Social, e um filme doméstico rodado por Vera Wang Franco Nogueira (mulher do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar) que nos apresenta uma outra faceta do ditador.



A LUZ VEM DO ALTO

de Henrique Campos

com Maria Dulce, Curado Ribeiro, Roberto Camardiel, Mário Pereira, Félix Fernandez

Portugal, 1959 – 98 min | M/12

Maria Dulce (1936-2010) foi uma importante atriz de cinema e teatro. Ainda não tinha terminado o curso do Conservatório e foi escolhida para interpretar o papel de Maria de Noronha em FREI LUÍS DE SOUSA, de António Lopes Ribeiro, tinha apenas 13 anos. Entre os palcos e os *plateaux*, fez carreira entre Portugal e Espanha. Mas foi graças à televisão que se tornou numa cara conhecida dos portugueses (a matriarca de ‘Os Andrades’ e outros papéis em ‘Chuva na Areia’ ou ‘Dei-te Quase Tudo’). Quando tinha 22 anos, tornou-se produtora associada do filme A LUZ VEM DO ALTO, por si protagonizado (filme que tinha outras mulheres na equipa como Maria Teresa Ramos, assistente de realização, e Ana Maria Marchent, assistente de montagem). Realizado por Henrique Campos, este é um filme que apesar da sua trama melodramática (um retorcido triângulo amoroso em terras do Alto Vouga), revela uma forte experimentação formal pontuada por “certos planos insólitos” (como referiu Luís de Pina). Será por aí, pelas suas várias marcas de modernidade, que importa agora revisitá-lo.



MARGOT DIAS, ETNÓLOGA – I

MARGOT

de Catarina Alves Costa
com Margot Dias

Portugal, 2022 – 72 min | M/12

com a presença de Catarina Alves Costa

Entre 1958 e 1961, Margot Dias integrou quatro Missões Etnográficas ao Norte de Moçambique. Filmou e gravou muitas horas, registos visuais e sonoros únicos da cultura Maconde. Quando, em meados dos anos 1990, Catarina Alves Costa trabalhava no Museu Nacional de Etnologia, conheceu e privou com Margot Dias. Das longas conversas resultou o fundamental *Guia para os Filmes realizados por Margot Dias em Moçambique* que serviu de base à edição de DVD dos seus filmes etnográficos (feita pela Cinemateca e pelo Museu de Etnologia em 2016). A partir dessa revisitação, e das horas de entrevistas que havia filmado em 1997 (com Joaquim Pais de Brito), surgiu MARGOT, retrato da mulher por detrás dos registos. Da sua infância na Alemanha dos anos 20 ao encontro (e casamento) com o etnólogo Jorge Dias, passando pelo seu trabalho enquanto pianista e etnomusicóloga, este é, também, um filme onde Catarina Alves Costa viajou a Maputo com o intuito de devolver aqueles filmes às comunidades de descendência Maconde. Filme programado em diálogo com o colóquio “Histórias da Antropologia e Restituições” (13 a 15 de maio na FCSH e no Museu Nacional de Etnologia). Primeira apresentação na Cinemateca.

MARGOT DIAS, ETNÓLOGA – II

MACONDE A FAZER UM PENTE E VISITA DO HUMU PUTUKU E DO NAÑGOLO ANTUPA

MPAMBANDA, O CURANDEIRO, A CONTAR UMA HISTÓRIA

[DANÇAS DE INVESTIDURA DE UM NOVO HUMU EM MULUMBA]

DANÇA DO MAPIKO

filmes de Margot Dias

Portugal, Moçambique, 1958 – 78 min | M/12

RITOS DE PUBERDADE MASCULINA “LIKUMBI KUINDJILA” EM KUMAÑGOMA

[ENTERROS MACONDES]

MÚSICOS MACONDES

OLARIA MACONDE

O ESCULTOR MACONDE NANGONGA

Sessão acompanhada pela leitura dos Diários de Campo de Jorge Dias e Margot Dias, por João Leal e Catarina Alves Costa

Margot Dias (1908-2001) foi pianista, antropóloga e etnomusicóloga e, entre 1959 e 1961 realizou vinte e oito filmes em Moçambique e Angola, pertencentes ao Arquivo Fílmico do Museu Nacional de Etnologia. Produzidas no contexto das “Missões de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português”, dirigidas por Jorge Dias, estas imagens constituem uma das primeiras utilizações do filme etnográfico no âmbito da antropologia portuguesa. Nesta sessão especial, os professores e antropólogos Catarina Alves Costa e João Leal acompanharão os registos visuais Margot Dias com a leitura de passagens dos Diários de Campo do casal Dias aquando das referidas Missões. Essa sessão antecipa a publicação anotada e contextualizada (por João Leal) destes diários até agora inéditos. Sessão programada em diálogo com o colóquio “Histórias da Antropologia e Restituições” (13 a 15 de maio na FCSH e no Museu Nacional de Etnologia).



MARIA EMÍLIA CASTELLO BRANCO, PROMOTORA

VOICE OF THE VINTAGE

de Mary Field

Reino Unido, 1938 – 18 min

CONSERVAS DE ATUM (inacabado)

Portugal, 1929 – 5 min / sem som

ROTEIROS LÍRICOS DO DOURO A REGIÃO DO DOURO E DO VINHO DO PORTO [TESTES COM TERESA MAGALHÃES]

de Maria Emília Castello Branco

Portugal, 1956-58 – 15, 12, 1 min

Duração total da projeção: 51 min | M/12

com a presença de Maria José Oliveira

Maria Emília Castello Branco, grande atriz do cinema mudo português (O DESTINO, A SEREIA DE PEDRA, OS OLHOS DA ALMA, O TÁXI N.º 9297), foi igualmente produtora e realizadora. O seu pai era sócio da casa Mello Castello Branco Limitada, empresa que na década de 30 produziu vários filmes turísticos, mas também longas de ficção como A DANÇA DOS PAROXISMOS. Maria Emília assumiu diferentes funções nessa empresa (que além de cinema produzia também enlatados), nomeadamente em A CASTELÃ DAS BERLENGAS. No final dos anos 1940 inicia esforços para a realização de um ousado projeto de ficção, “A Tragédia das Terras do Douro”. No outono de 1948 inicia a rodagem, mesmo sem apoios. Ao longo de duas décadas multiplicam-se as cartas ao Secretariado Nacional de Informação a pedir apoios (que são sempre recusados). Após várias recusas, a realizadora converte o material já filmado em dois documentários sobre a região do Douro e o Vinho do Porto – em 2024 foi depositado um “rolinho” de película com 21 metros do que parecem ser testes com atores para o referido filme. A sessão é complementada por um documentário inglês da cineasta Mary Field sobre a mesma região (antecipando o ciclo de junho dedicado ao trabalho das realizadoras inglesas). As cópias dos filmes de Maria Emília Castello Branco, em primeira apresentação na Cinemateca, resultam de uma nova preservação, concluída em 2026.



VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA, CINEASTA

VIRGÍNIA - TEASER

de Ana Sofia Pereira

Portugal, 2026 – 5 min (aprox.)

OS OLHOS DA ALMA

de Roger Lion, Virgínia de Castro e Almeida
com Eduardo Brazão, Gil Clari, Maria Emília
Castello Branco

Portugal, 1923 – 79 min / mudo

Duração total da projeção: 84 min | M/12

Sessão com acompanhamento ao piano de Joana Rolo e a presença de Ana Sofia Pereira

Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945) ficou mais conhecida como escritora, especialmente pelos seus livros infantojuvenis e por ter sido a primeira mulher a pedir o divórcio em Portugal. No entanto, desenvolveu uma importante atividade cinematográfica como produtora e argumentista, mas também realizadora e montadora (ainda que raramente assim tenha sido creditada); numa palavra, cineasta. Fundou a sua produtora de cinema, a Fortuna-Films, em 1922, da qual resultaram A SEREIA DE PEDRA (1922, desaparecido) e OS OLHOS DA ALMA. Ambos concebidos por Virgínia e dirigidos por Roger Lion, sendo que o segundo marcaria o fim da parceria, por divergências em relação à adaptação. Rodado na Nazaré (é mesmo o primeiro filme português a

ali ser filmado), OS OLHOS DA ALMA retrata duas famílias de pescadores rivais cujo ódio impossibilita o amor entre Rosária e Manoel, com um pano de fundo revolucionário. Segundo Tiago Baptista, “Virgínia Castro e Almeida sofreu todas as incompreensões pelo facto de (...) ter ousado mostrar um país em tumulto, a roçar a guerra civil permanente.” A apresentar na versão portuguesa com tintagens reproduzidas pelo método Desmet (restauro feito pela Cineteca de Bolonha em 1995, remontada no ANIM em 2007). A sessão será precedida pelo *teaser* do documentário VIRGÍNIA, em que Ana Sofia Pereira está neste momento a trabalhar.



MARIA LUÍSA BIVAR, SERIALISTA

...E DERAM NOVOS MUNDOS AO MUNDO

A PSICOTÉCNICA E A PREVENÇÃO - UMA EXPERIÊNCIA PORTUGUESA TARROS DE CORTIÇA

de Maria Luísa Bivar

Portugal, 1960-1964 – 94 min (aprox.) | M/12

Maria Luísa Bivar (1930-1991) foi uma das primeiras produtoras (se não mesmo a primeira) da RTP, “nasci como produtora com a própria Televisão: precisamente, no dia 21 de Abril de 1958.” Ao longo de vários anos coordenou diferentes programas, com especial destaque para “Nós As Mulheres”. Mas, além dos trabalhos televisivos, Maria Luísa Bivar foi igualmente a responsável por várias séries para a Junta de Acção Social, em particular para o Instituto da Juventude e para o

Ministério do Emprego – séries dedicadas às condições de higiene e segurança no trabalho mas, também, de natureza mais etnográfica, como “Artistas e Artesãos” e “Homens que Marcam”. Creditados sob a sua “direção”, estes episódios raramente apresentam genérico. Estão-lhe atribuídos mais de uma centena de títulos (com diferentes graus de participação), sendo que a Cinemateca guarda perto de cinquenta episódios da sua autoria, que apresentam grande fragilidade física. Os filmes desta sessão acabam de ser digitalizados e apresentam falhas ao nível do som, provenientes dos materiais únicos que sobrevivem.

CINZELAGEM

CORDOARIA MANUAL

MANTAS DO ALENTEJO

CERÂMICA DE VIANA DO ALENTEJO

CHOCALHOS DE ALCÁÇOVAS



MONTADORAS - I

PERDEU-SE UM MARIDO

de Henrique Campos
 com Laura Alves, António Silva, Virgílio Teixeira
 Portugal, 1956 – 78 min | M/12

PERDEU-SE UM MARIDO é uma muito divertida (e pouco vista) comédia de enganos protagonizada por Laura Alves e António Silva. Trata-se da adaptação da peça de teatro homónima (de Frederico Pressler, que havia sido um enorme sucesso pouco tempo antes, no Teatro Monumental), onde dois desconhecidos, vítimas de um atropelamento, acordam amnésicos. Ele nunca a viu na vida. Ela jura que são casados. Comédia de recasamento à portuguesa, “surge como uma peregrinação simbólica de um casal que entrou na rotina, que esqueceu os pequenos gestos, os pequenos nada ou as palavras absurdas que transfiguram um momento banal e lhe dão um toque de poesia. Que esqueceram no mecanismo de repetição, a própria ideia do amor” (Manuel Cintra Ferreira). Além disso, é um dos filmes da década de 1950 com uma equipa mais paritária, contando com a assistência de realização de Terezita Miranda, montagem de Isabel de Sá, assistida por Julieta de Azevedo. Isabel de Sá foi, aliás, a mais importante montadora da sua geração (juntamente com Fernanda Santos), tendo trabalhado de forma regular com realizadores como António Lopes Ribeiro, Manuel Guimarães, Arthur Duarte e, claro, Henrique Campos (com quem colaborou em seis longas-metragens).

MONTADORAS - II

FREI BONIFÁCIO

de Georges Pallu
 Portugal, 1918 – 20 min / mudo

BAIRROS SOCIAIS

de Mota da Costa
 Portugal, 1943 – 16 min

UM DIA NA PÓVOA DE VARZIM

de Gentil Marques
 Portugal, 1952 – 12 min

AR, ÁGUA E LUZ

de Fernando Garcia
 Portugal, 1956 – 22 min

Duração total da projeção: 70 min | M/12

com a presença de Cláudia Rita Oliveira e Carolina Franco

FREI BONIFÁCIO, de 1918, foi o primeiríssimo filme de ficção da Invicta Film e, como tal, serviu como demonstração de capacidades da produtora. Há uma dimensão iniciática neste filme que, como salientou João Bénard da Costa, “experimentou processos que se viram pela primeira vez em filmes portugueses. É o caso da montagem paralela”. Quem montou o filme foi Valentine Coutable, montadora francesa que foi contratada por dois anos como Montadora Chefe da Invicta, juntamente com o seu marido, Georges Coutable (Chefe de Laboratório). Valentine foi a primeira montadora do cinema português. Até ao final da década de 1950, várias foram as mulheres que assumiram essa função (muitas vezes tida como meramente técnica): as “Madame” Meunier e Nelissen (como surgem creditadas), Regina Fróis (também ela realizadora cuja obra se perdeu), Isabel de Sá, Noémia Malveira, Maria Beatriz ou Fernanda Santos – e tantas outras assistentes de montagem (Julieta de Azevedo, Edite Nobre, Cecília Cruz, Elisabete Fernandes). E esta lista só peca por incompleta. Nesta sessão apresentam-se, além de FREI BONIFÁCIO, três documentários institucionais montados por algumas destas mulheres. A sessão contará com a presença da realizadora Cláudia Rita Oliveira e da jornalista Carolina Franco, responsáveis pela pesquisa do projeto FADE IN, um documentário que reflete sobre o apagamento das mulheres na montagem de cinema.

AMÉLIA BORGES RODRIGUES, EMPRESÁRIA

CASCAES

UISEU: A CIDADE-JARDIM DA BEIRA INTERIOR

MOGADOURO E MONCORVO

GERÊS

GUIMARÃES

RÉGUA

ALGARVE

MIRANDELA E FREIXO

VIANA DO CASTELO

CANTANHEDE

de Amélia Borges Rodrigues

Portugal, Brasil, 1934-1937 – 62 min | M/12

Sessão com acompanhamento ao piano de Catherine Morisseau e apresentação da investigadora Sofia Sampaio

Amélia Borges Rodrigues (1906-1945) foi uma empresária de cinema que, entre Portugal e o Brasil, assumiu diferentes funções: a realização, a produção, a montagem e a composição musical (a sua primeira área artística era a música, mais tarde virar-se-á para a pintura). Estão-lhe atribuídos mais de 50 pequenos documentários de cariz paisagístico, ainda que só se conservem materiais mudos, incompletos ou fragmentários de cerca de metade. Subsiste, ainda assim, um filme completo e sonoro, CASCAES, narrado pela própria e onde aparece com a sua amiga e colaboradora Celeste Bastos y Lago. Perdeu-se, no entanto, a sua única longa-metragem, TERRA PORTUGUESA – O MINHO (1934), feita no Brasil a partir de imagens de Silvino Santos. A sua filmografia (que nos leva a reavaliar as noções de autoria) é composta por títulos que retratam diferentes regiões de Portugal e que tinham como propósito serem difundidos junto das “comunidades portuguesas”, tanto no Brasil, como no dito Ultramar. De perfil pitoresco, os filmes (ou, por vezes, material não montado) de Amélia Borges Rodrigues revelam um país rural idealizado pela saudade.



VERA WANG FRANCO NOGUEIRA, DIARISTA

FILMES DE VERA WANG FRANCO NOGUEIRA

Portugal, 1959-1981 – 61 min / sem som

Sessão comentada por Aida Franco Nogueira

Vera Wang Franco Nogueira (1927-2018), é lembrada como a fundadora da Academia de Santa Cecília e como mulher do Alberto Franco Nogueira (1918-1993), embaixador, cônsul e Ministro dos Negócios Estrangeiros (1961-1969). Mas Vera Wang era, além de muitas outras coisas, uma imparável realizadora amadora que, com a sua câmara de 8mm registava incessantemente o dia-a-dia do seu marido e da sua pequena filha, Aida. Entre 1958 e 1981, Vera Wang Franco Nogueira filmou centenas de horas, documentando even-



tos familiares, viagens (de família e de estado), eventos sociais, manifestações, festas, touradas. Totalmente integrada na alta sociedade do Estado Novo, os seus filmes apresentam-nos uma outra faceta sobre as figuras políticas da ditadura. Do Presidente da República ao Presidente do Conselho, passando pelos vários Ministros, Embaixadores e Cônsules, todos eles foram filmados por Vera Wang, que os registava fora da típica pose oficial. Nesta sessão apresentar-se-á uma montagem de filmes (e excertos) de Vera Franco Nogueira que, por não terem som, serão comentados pela filha da realizadora, Aida Franco Nogueira, contextualizando as imagens e identificando os retratados.

REALIZADORAS AMADORAS

FILMES DA FAMÍLIA MANUELA DE SOUZA

FILMES DA FAMÍLIA MIRANDA

provenientes da Videoteca Municipal de Lisboa

TEATRO INFANTIL – ARTES DE MAGIA

de Maria Helena Noronha Feyo

Portugal, Angola, 1959 – 17 min

Duração total da projeção: 41 min (aprox.) sem som

Provenientes da coleção da Videoteca Municipal de Lisboa, apresenta-se uma seleção de filmes domésticos das famílias Manuela de Souza e Miranda, rodados nos anos 1950 e 60, onde a câmara de filmar circulava pelos vários elementos: mãe, pai, filhas, avós, tios e tias. A “autoria” dilui-se no seio familiar, mas não será por isso que estas imagens deixarão de nos cativar pela forma como fixam o olhar de algumas destas mulheres cinegrafistas. Já o caso de Maria Helena Noronha Feyo é mais complexo. Estão-lhe atribuídos dois filmes, ambos filmados pelo seu marido, José Maria Noronha Feyo, diretor da Diamang (Companhia de Diamantes de Angola). Tratam-se de festas infantis concebidas, escritas, encenadas, musicadas, vestidas e decoradas por Maria Helena, onde participam os filhos dos funcionários da empresa. O registo, filmado em película de 16mm colorida, plano fixo, geral e em sequência, limita-se a fixar a peça – sem som. Mas guarda-se o programa das festas com indicações do acompanhamento musical (que será aqui reproduzido de forma tentativa).





BOMBAY – GOA

de Edila Gaitonde

Índia, [1970] – 12 min

Legendada eletronicamente em português

Duração total da projeção: 95 min | M/12

Edila Gaitonde (1921-2021) nasceu na Horta, Açores, e deixou o arquipélago em 1943 para vir estudar piano em Lisboa. Aí adoeceu, foi tratada pelo médico (e escritor e ativista anticolonial) goês Pundalik Gaitonde e os dois apaixonaram-se. Edila foi a primeira mulher portuguesa a casar com um goês de origem indiana durante a ditadura. Lutadora pela independência de Goa, professora de piano, apresentadora de rádio, foi também realizadora, tendo assinado cerca de duas dezenas de documentários em 8mm e Super8. Apesar do suporte amador, os filmes de Edila são particularmente cuidados (filmados com profissionalismo, montados e sonorizados com música e narração). São delicados retratos das coisas ao seu redor, onde o ímpeto pedagógico se fundia com o entusiasmo pelo mundo: os Açores, Lisboa, Goa, Londres, a Nova Inglaterra. O realizador Ricardo Leite conheceu-a, aos 95 anos, e ajudou a recuperar os seus filmes. **AS MAÇÃS AZUIS** é o documentário que lhe dedicou, onde nos conta sobre a sua vida, a sua ação política e o seu cinema.

EDILA GAITONDE, VIAJANTE

AS MAÇÃS AZUIS

de Ricardo Leite

com Edila Gaitonde

Portugal, 2022 – 83 min

Com a presença de Ricardo Leite

RAQUEL SOEIRO DE BRITO, GEÓGRAFA – I

MOÇAMBIQUE: VALE DO ZAMBEZE
MACAU
CABO VERDE

ANGOLA I: DO CUANZA A CHELA
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE (excerto)
TIMOR (excerto)

Portugal, 1960-1973 – 71 min / sem som | M/12

Sessão comentada por Raquel Soeiro de Brito

Raquel Soeiro de Brito (1925-) foi a primeira mulher a doutorar-se em Geografia (em 1955) e uma das primeiras dez mulheres a obter tal grau académico em Portugal. Aos 100 anos, estará na Cinemateca para apresentar uma Sessão-Aula, onde mostrará e comentará alguns dos seus filmes. Realizados entre 1960 e 1973 como parte da “Junta de Investigações do Ultramar”, estes são documentos filmados (pela própria), que serviam como cadernos de campo em movimento. Usados como ferramenta de investigação, eram apresentados em contexto de sala de aula, sempre com descrições da Professora Raquel (daí não terem som). Mais do que “filmes”, são estudos e registos de práticas e mudanças humanas, naturais e geológicas. Rodados em película de 16mm colorida, serão apresentados em cópias digitais produzidas no âmbito do projeto FILMar.



RAQUEL SOEIRO DE BRITO, GEÓGRAFA – II

RAQUEL SOEIRO DE BRITO NA CASA DA MISSÃO

de AvistaVulcão (Gonçalo Tocha, Sophie Barbara)
 Portugal, 2021-2026 – 36 min

ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS, ILHA DO FAIAL - AÇORES

de Raquel Soeiro de Brito
 Portugal, 1958 – 34 min / sem som

Duração total da projeção: 70 min | M/12

Sessão com comentário gravado de Raquel Soeiro de Brito

Em outubro de 1957 e janeiro de 1958, Raquel Soeiro de Brito esteve no Faial para estudar a erupção do vulcão dos Capelinhos. Integrava uma Missão de estudo chefiada por Orlando Ribeiro onde era a única mulher (“nunca tinha visto uma mulher de calças” lembrou um dos aldeãos da freguesia de Capelo). Tinha 32 anos e nunca tinha pegado numa câmara de filmar. Foi graças ao operador Salvador Fernandes, que integrava a Missão, que Raquel Soeiro de Brito começou a filmar com uma câmara de 16mm “velha e pesada como um burro”. Das várias horas de material, montou uma primeira versão (de 48 minutos) que seria depois reduzida para a versão de 34 minutos. Nesta sessão apresenta-se a versão curta, em cópia digital restaurada, acompanhada por um comentário de Raquel Soeiro de Brito, gravado propositadamente para esta apresentação. A sessão é complementada pelo documentário produzido aquando do regresso de Raquel Soeiro de Brito à casa onde residiu durante a Missão. Aos 95 anos voltou a dormir nessa mesma casa que, por coincidência, pertence agora aos realizadores Gonçalo Tocha e Sophie Barbara (que lhe organizaram uma homenagem).

BÁRBARA VIRGÍNIA, PIONEIRA - I

AS PIONEIRAS DO CINEMA EM LÍNGUA PORTUGUESA

QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA?

filmes de Luísa Sequeira

Portugal, 2017-2023 – 92 min | M/12

Com a presença de Luísa Sequeira (a confirmar)

QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA? é um “roadmovie documental” onde uma realizadora, Luísa Sequeira, procura os vestígios da carreira multifacetada de Bárbara Virgínia, a primeira mulher a realizar uma longa-metragem sonora em Portugal. “Este é um trabalho de arqueologia emocional e humana que traz à tona a vida e a obra de uma mulher que muito fez pela cultura lusófona”. Filmado em Portugal e no Brasil, este é um documentário intimista coberto pelo luto. É que quatro dias após Luísa Sequeira aterrar em São Paulo para a entrevistar, Bárbara Virgínia morreu (aos 91 anos), sem que as duas se chegassem a conhecer. A abrir a sessão apresenta-se o episódio piloto da série AS PIONEIRAS DO CINEMA EM LÍNGUA PORTUGUESA, através da qual Sequeira apresenta a história de várias mulheres cineastas. Neste primeiro e único episódio (a série ainda não conseguiu financiamento), refere-se o trabalho de algumas das primeiras realizadoras internacionais (Alice Guy-Blaché, Lotte Reiniger) e foca-se na figura de Carmen Santos, atriz e realizadora brasileira nascida em Portugal. “Uma reflexão filmada acerca do lugar atribuído e negado a mulheres cujas visões e criatividade essenciais resistiram ao apagamento que lhes foi sendo dedicado” (Maria João Madeira)



■ Sexta-feira [29] 18h00 | Livraria Linha de Sombra

lançamento do livro-dvd “TRÊS DIAS SEM DEUS”

Apresentação com Ana Cabral Martins,
Sara Marques e Ricardo Vieira Lisboa

A Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema apresenta o livro-DVD com a nova cópia digital restaurada e legendada dos materiais sobreviventes da primeira longa-metragem de ficção sonora realizada por uma mulher em Portugal, TRÊS DIAS SEM DEUS (da qual restam apenas 32 minutos), numa edição que inclui uma série de extras (entre eles um novo documentário de Luísa Sequeira, ESSE OLHAR QUE É SÓ TEU), e que vem integrada num livro que conta com textos de Ana Cabral Martins e Ricardo Vieira Lisboa e a reprodução fac-similada da planificação anotada do filme, que permite compreender melhor como terá sido o filme à data da estreia. Entrada livre.



BÁRBARA VIRGÍNIA, PIONEIRA – II

NEVE EM LISBOA (materiais)

de Raúl Faria da Fonseca

ALDEIA DOS RAPAZES – ORFANATO STA. ISABEL DE ALBARRAQUE

de Bárbara Virgínia (atribuída)

TRÊS DIAS SEM DEUS (fragmento restaurado e legendado)

TRÊS DIAS SEM DEUS – trailer

de Bárbara Virgínia

com Bárbara Virgínia, João Perry, Maria Clementina
Portugal, 1945-1949 – 64 min | M/12

Sessão com apresentação e acompanhamento musical gravado

Bárbara Virgínia (1923-2015) foi a primeira mulher a realizar uma longa-metragem sonora em Portugal, tinha apenas 22 anos. Esse filme, TRÊS DIAS SEM DEUS, foi escolhido para representar Portugal na primeira edição do festival de Cannes, em 1946. Além de realizar, Bárbara Virgínia protagonizou o filme (no papel da professora primária Lídia), foi corresponsável pelo argumento e assegurou os solos de piano. Dos 102 minutos originais sobrevivem apenas fragmentos do negativo de imagem que perfazem 32 minutos (foram identificados recentemente mais 6 minutos), sem som. Nesta sessão apresenta-se a nova cópia preservada e restaurada digitalmente onde foram incluídos cartões de contextualização narrativa e se procedeu à legendagem dos diálogos. A sessão é complementada pelo TRAILER produzido para o mercado brasileiro em 1949 (recentemente descoberto e que tem som!), assim como duas curtas-metragens em que Bárbara Virgínia esteve envolvida. Igualmente sem som, serão apresentadas com acompanhamento de três canções gravadas por Bárbara Virgínia em 1956. Todos os títulos a apresentar em cópias digitais. Esta sessão integra o programa ANIM, 30 ANOS.



ISAURA PAVIA DE MAGALHÃES LISBOA, EDUCADORA

OS 4 FUGITIVOS (excerto)

A GATINHA BORRALHEIRA

de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa

Portugal, 1945-49 – [12], 43 min

Duração total da projeção: 55 min | M/12

Sessão com acompanhamento à viola por Kyle Quest

Isaura Pavia de Magalhães Lisboa (1912-2000) foi violoncelista e professora de música no Conservatório Nacional, tendo fundado a Orquestra Universitária e a Academia de Artes de Cascais, que dirigiu por longos anos. Mas além da música, tinha um especial apreço pelo cinema. Logo em 1931 realizou o seu primeiro filme amador (em 9.5mm), O EXÉRCITO DOS MOSQUITOS (entretanto perdido). Em 8mm e depois em Super8 realizará oito filmes de ficção, além de uma dezena e meia de pequenos filmes de natureza documental. Entre esses conta-se a longa-metragem OS QUATRO FUGITIVOS (1945), que está em avançado estado de degradação, subsistindo apenas alguns fragmentos visíveis. Isaura desenvolvia os argumentos, organizava as planificações, escrevia os intertítulos (os filmes não tinham som), tratava dos figurinos, dos cenários e da decoração. Introduzidos pelo cartão “JAD Apresenta”, em referência à Juventude Artístico-Desportiva, os filmes tinham como objetivo motivar e desafiar um alargado grupo de crianças que incluíam os seus filhos, sobrinhos e amigos. Filmados com crianças e para crianças, os filmes de Isaura eram apresentados em festas e saraus que incluíam concertos, bailados, teatro e sessões de cinema. O espólio cinematográfico de Isaura Pavia de Magalhães Lisboa foi recentemente depositado na Cinemateca. Os filmes serão apresentados em cópias digitais e acompanhados à viola por Kyle Quest, bisneto da realizadora.

